

# O ensino do desenho na escola primaria

## 1.<sup>a</sup> PALESTRA

Começo por declarar que me sinto particularmente satisfeito dirigindo-me a um auditorio entendido e interessado precisamente nestes assumptos de Pedagogia e Didactica, e composto de elementos que, nas lides quotidianas do magisterio, vêm demonstrando e desenvolvendo suas capacidades de trabalho, de progresso e de alevantamento do ensino, o que equivale dizer — da sociedade e da Patria.

Nunca será demais repetir, como um lemma que se prende mesmo á propria essencia da natureza humana, que o homem é não só susceptível de aperfeiçoamento como esse aperfeiçoamento apparece como uma necessidade imperiosa, numa verdadeira ancia de melhorar, numa evidente lucta pelos postos da vanguarda, pela victoria na concorrência dos valores e pela ascendencia na escala da selecção.

O que se dá com os individuos, acontece com os grupos humanos. Si os individuos aptos, mais esforçados, mais competentes são os guieiros das grandes cruzadas, — as nações mais cultas, mais adiantadas e progressistas são tambem as mentoras do mundo, e encabeçam a marcha internacional para o futuro, pelo roteiro que traçaram.

O mesmo com os homens. E aí dos que se

deixam ficar para traz, na apathia, no desinteresse pela campanha que se movimenta, no desanimo pela conquista do ideal. Eternos indifferentes, apagados porque o querem ser, esquecidos porque se relegam por vontade propria a essa condição, não experimentam, não sentem as emoções que o ardor da lucta faz mais profundas e torna mais vivas, á proporção que se vão colhendo as primeiras victorias.

Onde está o homem, está a evolução. E' esta, segundo os biologistas, a differença fundamental entre o animal racional e o irracional, isto é, aquelle é susceptível de aperfeiçoamento moral, emquanto este, o bruto, será o mesmo irracional de tempos immemoriaes: não melhora, não aperfeiçoa nada.

Em ponto de educação, em materia principalmente de ensino, a lei da evolução se nos apresenta na plenitude de sua força: dia a dia, hora por hora, surge uma nova idéa, um novo pensamento, um novo methodo; que nos cabe fazer então? Examinal-os, estudal-os, e applical-os quando ficar provado que são effectivamente melhores do que os que até então temos seguido e adoptado.

A Didactica nos ensina, entretanto, neste particular, que não devemos proceder com açodamento ou precipitação, porque da adopção de um methodo mal examinado podem muitas vezes sobrevir, em vez de proveitos e vantagens, resultados negativos e até contraproducentes.

Bem vos haveis de lembrar, minhas caras collegas e meus estimaveis collegas, bem vos haveis de lembrar daquelle preceito que a Didactica nos ensinou a todos, e que figura entre o principios ou leis referentes á pessoa do mestre:

«O professor deve ser amigo do vardadeiro progresso e, consequentemente, inimigo da rotina e da monotonia, bem como de qualquer innovação temeraria.»

Não considereis ocioso estar eu, a intervallos, polvilhando esta desprerenciosa conferencia, de recommendações e formulas didacticas, de que o vosso espirito está senhor. Mas, tereis de concordar commigo em um ponto: é que não se pode, por modo algum, tratar de ensino, sem que a sciencia do ensino seja invocada a cada passo.

Ouçamos um notavel pedagogista: «Para o professor, a applicação daquelle principio didactico importa na adaptação, cada vez mais perfeita, de seu ensino á instrucção e a educação de seus discipulos: elle tem por inimigos, por um lado a rotina, pelo outro a mania de innovar sempre. O primeiro desses defeitos (a rotina), caracteriza o velho pratico; e o segundo (a mania das innovações immoderadas) o mestre noviço.

O moço, estimulado por um primeiro ardor de zelo e de coragem, aguilhado pelo amor proprio que o impelle a eclipsar seus predecessores ou seus rivaes, e achando-se, a cada passo, detido por difficuldades imprevistas, recorre á mudança de livros, de methodos e de systemas.

Dominado por um ardente desejo de instruir-se, de iniciar-se em todas as novas obras, sacrifica, por funestas experiências, os interesses de seus discípulos ás suas preferências, delle mestre, e torna-se o juguete de muitas illusões, de muitos erros, por não ter aprendido a se dominar e a se conservar a coberto de aventuras.

O velho pratico, ao contrario, repetindo as mesmas experiências, e sentindo seu primeiro fervor diminuido, quer a todo transe continuar como tem feito até então; recusa absolutamente, sob pretexto de que são perigosos ou nocivos, todos os melhoramentos que obrigariam a novos estudos, a novos sacrificios.

Mas é preciso reagir contra isso. O bom mestre deve estudar constantemente, sob novas faces, as mesmas materias do ensino e as modificações trazidas aos methodos. Admittirá e porá em pratica em sua escola, as vantagens recommendadas por seus collegas e sancionadas por seus superiores. Por sua vez, dará parte ás autoridades do ensino das experiências que realizou, consultal-as-á sobre o assumpto e receberá as opiniões com acatamento, sem se desgostar si, porventura, uma qualquer idéa sua não fôr julgada sufficientemente aproveitavel.

Procedendo assim, o professor se preservará dos defeitos apontados acima; dará um ensino proveitoso, e, alem de tudo, poderá um dia dizer á sua propria consciencia que fez pela causa de seus alumnos tudo quanto lhe foi possível fazer».

Ha um ponto, sobre o qual é necessario insis-

tir. Muitos professores têm o costume de applicar e seguir mecanicamente os methodos que se lhe apresentam, sem considerar indispensavel a propria collaboração de seu contingente pessoal. Leram um certo methodo, uma certa orientação, e prompto, applicam tudo isso sem se considerarem obrigados a observar cuidadosamente os resultados ou sem pensar de leve que se faz mister o seu interesse, o seu exame, a sua apreciação, o seu concurso para melhoral-o e até propôr a sua substituição.

Neste assumpto, o criterio adoptado pelo Director Geral da Instrucção tem sido perfeito. Ao mesmo tempo que recommenda ao professorado os methodos considerados melhores pelo consenso dos estudiosos, dos competentes, pede com interesse a esse mesmo professorado que concorra com as suas luzes e as suas experiencias para a adopção de meios ainda mais vantajosos do que os conhecidos até hoje.

Em uma palavra: o Director da Instrucção convida os professores bahianos a organizarem tambem methodos seus, a crearem alguma coisa de original, submettendo, é claro, suas idéas ao exame das autoridades do ensino, antes de pô-las em execução definitiva na escola.

É, como se vê, um criterio ao mesmo tempo liberal e prudente, porque, emquanto recommenda os methodos reputados melhores, para evitar que o ensino se aniquile pelo uso de processos erroneos e condemnaveis, promove, anima, incita o professor a collaborar nesta obra que é de todos — a obra da educação.



Depois, imaginemos: porque o francez, o norte-americano, o inglez, o allemão, o suísso, o belga, o italiano hão de poder crear methodos, inventar doutrinas, descobrir leis e princípios, e o brasileiro não no poderá fazer?

Precisamos estabelecer da nossa parte uma corrente de esforço no sentido de obter alguma coisa nova, que se imponha por seu merecimento incontestavel e que, para satisfação nossa, possa até ser acceito e preconizado em outros logares.

Portanto, observemos; portanto, estudemos examinando todos os pontos, reflectindo sobre elles e desse exame e dessa reflexão poderá surgir, quem sabe? o raio de luz que nos ha de mostrar o caminho melhor.

Força é confessar que em nosso meio tem havido dedicados a esse objectivo.

Cito, por exemplo, o professor Leonídio Monteiro, a respeito do qual publiquei uma chronica, embora sem lhe declinar o nome, e que de uma feita me lêra um bello trabalho sobre o ensino da leitura, um methodo de sua criação, que para a epoca representava um passo de notavel progresso.

Mas não é somente para a leitura ou para uma única disciplina que devem convergir as observações e experiencias dos meus esforçados collegas. Bom seria que, respeitadas e attendidas as inclinações e preferencias de cada qual, não deixassem de merecer carinhos de nossa parte todas as especialidades do programma, notadamente umas tantas, que não sei por que razões, têm passado a

occupar nas escolas um plano de subordinação e de abandono que se não justificam. Uma destas, por exemplo, é o Desenho.

\* \* \*

São conhecidas as qualidades que deve possuir um bom methodo de ensino.

Não será portanto difficil ao professor organizar seu methodo, baseando-o na «palavra de ordem» que a Directoria da Instrucção acaba de lançar: *escola activa, ensino activo*.

A elaboração do methodo dependerá, como ensinam os mestres, de tres dados principaes:

1.<sup>o</sup> Da natureza da materia a ensinar e de suas relações com as operações mentaes que devem concorrer para este estudo.

2.<sup>o</sup> Do aspecto pelo qual seja encarada a disciplina a leccionar, e que é subordinado á capacidade intelectual dos alumnos e ao fim que se tenha em vista obter com esse ensino.

3.<sup>o</sup> Da importancia absoluta ou relativa da especialidade e do tempo que se lhe possa consagrar.

“A primeira das considerações apontadas — ensina um tratadista moderno — serve para determinar os elementos do methodo ou os exercicios que delle devem fazer parte, e ainda os principios e os processos de ensino que o constituem propriamente.

A segunda permite harmonizar os exercicios

do ensino com a capacidade intellectual dos alumnos a quem vamos instruir.

A terceira serve para fixar a extensão ou o desenvolvimento do methodo, pela justa proporção dos varios exercicios, attendendo sempre á importancia da especialidade e ao tempo que se possa e deva empregar nesse ensino.

De todas essas considerações, podemos fazer decorrer o seguinte *principio fundamental*:

Para fazer escolha de um methodo racional e activo proprio para o ensino de uma disciplina qualquer, é necessario, afim de estabelecer com segurança os principios, escolher e coordenar convenientemente os exercicios e os processos — que o autor precise por uma bom definição o objecto da especialidade afim de patentear sua importancia educativa e utilitaria; que, á luz dessa definição, procure as *faculdades* ás quaes se dirija particularmente o ensino em questão, para *combinar* o exercicio dessas faculdades de modo a fazel-as concorrer todas, na devída proporção, ao *fim* a attingir, que pode ser a aquisição de uma sciencia ou a pratica intelligente de uma arte».

Poderá parecer, aos que me ouvem, que estou em desaccordo com a methodologia, quando, com o autor citado, vos disser que é necessario fixar o assumpto «*por uma boa definição.*»

Mas entendamo-nos bem. Estou tratando por ora da organização, da feitura de um methodo para o professor, para uso de professores, e não da marcha que esse methodo deva levar quando

applicado ao ensino de crianças. E' a mesma differença entre o estudo que o medico faz para seu conhecimento e a applicação do que aprendeu quando tenha que agir junto do doente.

Graças a Deus, ainda está de pé o methodo analytic, ou, com precisão de technologia, desde que falo a profissionaes, o methodo analytic — synthetico. E assim, podeis continuar na convicção de que, no ensino elementar, é indispensavel partir dos exemplos, dos exercicios, para as regras, e finalmente chegar á definição como a uma consequencia, que deve, quanto possivel, ser encontrada pelo proprio alumno, guiado, ja se sabe, pelo mestre habil.

Para isso, tendes ao vosso alcance o emprego do methodo socratico, de tão proficuos resultados para aguçar a intelligencia infantil.

Voltando á organização do methodo, podemos estabelecer um plano com os seguintes elementos:

«1.º Objecto ou definição da especialidade.

Entendamos: o termo "especialidade," que tenho empregado a miude, é tomado aqui como *materia de ensino* ou "disciplina do programma."

2.º Procura das faculdades ás quaes se dirige, e que devem concorrer a esse estudo.

3.º Importancia da especialidade, deduzida de sua influencia educativa, de sua utilidade pratica e de sua relação com o ensino em geral.

4.º Regras particulares a este ensino, ou applicação das leis didacticas geraes que estejam mais

directamente ligadas ao objecto da especialidade e ás faculdades ás quaes essa disciplina se dirija.

5.º Ponto de partida do ensino da materia.

6.º Marcha do programma.

7.º Marcha das lições.

Mas, traçando-se de qualquer methodo de ensino, a marcha das lições é tudo.

Demos a palavra a um notavel pedagogista:

“As marchas constituem a parte essencialmente pratica da Methodologia Geral e, mais ainda, da Methodologia Especial, de que ellas — as marchas — não são mais do que o resumo e a applicação, apoiadas ao mesmo tempo na theoria e na experiencia do ensino.

O mestre deve entrega-las á sua memoria depois de ter feito sobre ellas um estudo raciocinado, isto é, depois de ter perguntado a si proprio o *porque* e o *como* de cada uma das prescrições ali encerradas, porque não ha uma só destas prescrições que não recorde um principio didactico e não importe na applicação de um processo de ensino.

Basta dizer que a interpretação sadia e o emprego intelligente das marchas presuppõem ou exigem o estudo da theoria do methodo, sob pena do professor trabalhar de uma maneira puramente empirica. Talvez attingisse de certo modo o fim da lição, mas, com certeza, menos seguramente e menos perfeitamente do que se possuísse o conhecimento raciocinado do caminho que lhe é traçado.

Pode-se até affirmar que o ensino fica incom-

pleto pela inobservancia habitual de certas prescrições importantes, ou torna-se monotono e tedioso por uma submissão servil a outras regras pouco ou mal comprehendidas; ou ainda, que as lições sejam menos fructuosas por causa de uma cega persistencia em observar indicações boas em si mesmas, porém que perdem a utilidade quando o fim que se desejava ja foi attingido.”

A respeito da escolha e do uso dos methodos, podemos colher excellentes ensinamentos nas palavras que se seguem:

«O valor theorico ou logico de um methodo, deve estar confirmado pela prova da experiencia. O homem deixa-se facilmente seduzir pelo aparente rigor logico de um methodo ou de um systema.

Ou porque nosso espirito não percebe sempre a desproporção que pode existir entre uma theoria rigorosa em si mesma, e as condições particulares de applicação, nas quaes se acha collocado; ou porque o theorista tenha construido seu systema sobre um falso principio, uma utopia; ou ainda porque se tenha concedido uma adhesão muito prompta e muito facil á autoridade de um grande nome; o que é facto é que os erros praticos têm sido muito numerosos e muito funestos.

Essa verdade de ordem geral encontrou tambem sua applicação em pedagogia, como o testemunham o *Emilio* de Rouseau, os methodos de Jacotot, e a decadencia do modo de ensino mutuo, tão preconizado outrora.

Durante a primeira metade do século passado, homens que figuravam entre os mais esclarecidos da França, por exemplo, ministros, membros do Instituto, philosophos, proclamavam alto e bom som, e pretendiam demonstrar theoreticamente a vantagem absoluta desse modo sobre os demais; já celebravam seu triumpho sobre a ruína proxima, e, no dizer delles, inevitavel do modo simultaneo puro e suas combinações. Hoje, após longos annos de experiencia por um lado e de novos estudos pelo outro, vê-se que o modo mutuo desceu para segundo plano, só devendo ser usado quando se torne indispensavel na escola.

De Gerando diz a este respeito: "O methodo deve ser para o mestre e para o alumno um instrumento, não uma cadeia; não se deve pois utilizal-o com cega rigidez, mas usal-o com certa liberdade, accomodando-o ás circumstancias, submettendo-o ás provas da experiencia diária. O professor habil apodera-se mesmo do espirito do methodo para aprender a bem empregal-o; e é ficando fiel a seu principio, que elle modifica uma ou outra regra de detalhe. O methodo mais perfeito pode fracassar sob a direcção do mestre inhabil, como a melhor ferramenta se torna inutil nas mãos do operario que se não saiba servir della».

Agora, o outro aspecto da questão: Quando os methodos já estão estudados, experimentados, quando já deram ou estão dando proficuos resultados, então não deve o professor digno desse no-

me hesitar um só instante: é entregar-se com entusiasmo e cheio da mais viva confiança, a pôr em pratica as novas orientações e mostrar-se inteiramente á altura dellas e dos desejos das autoridades responsaveis pela direcção e pelo exito geral do ensino.

\* \* \*

«O desenho é a arte de representar por meio de linhas traçadas sobre superficies, os contornos verdadeiros (projecções) ou apparentes (perspectiva) dos corpos reaes ou fictícios.

Essa definição convem propriamente ao desenho linear, que se pode tornar desenho de sombra se imitarmos, pela applicação de tintas mais ou menos carregadas, os effeitos de luz e de sombra que se produzem na superficie dos corpos

A pratica do desenho suppõe o exercicio da *vista*, que examina com *atención* o objecto a representar, aprecia-lhe a forma, as dimensões e as proporções; suppõe o exercicio da faculdade de *julgar* e de *raciocinar*, pelas comparações continuas que o desenhista deve fazer: o exercicio da *imaginação*, cujo papel é conservar fielmente as imagens percebidas pela vista ou de combinar diversamente as formas adquiridas, si se trata de um desenho de invenção; o exercicio da *mão*, que fixará, pelo traço, os golpes de vista ou as concepções da faculdade creadora; o exercicio do *gosto*, do *senso esthetico*, para dar a esse trabalho todas as qualidades requeridas pelas leis do bello; emfim, do *senso moral* ou sentimento do bem.

A influencia educativa do estudo do desenho acaba de ficar demonstrada. Falta examinar a relação dessa arte com' o ensino em geral, e sua utilidade pratica ou social.

Na escola primaria o desenho, além de satisfazer a uma necessidade innata da criança, liga-se a todas as especialidades importante do ensino. Vejamo-lo. Interesse á calligraphia pelos exercicios proprios dessa disciplina; interessa á geographia pelo traçado das cartas e pela representação dos accidentes naturaes; á geometria theorica por dar a intelligencia das figuras que devem servir ás demonstrações; á geometria pratica—pela representação dos solidos das medidas de capacidade e pelo levantamento dos planos; a muitas outras disciplinas, para a melhor comprehensão de certas noções apprehendidas, que se tornam mais claras e mais fixas na imaginação e na memoria.

Ajuntemos a isso que, se o desenho é ensinado na escola e comprehendido pelos alumnos, o prof. poderá em innumeradas oportunidades, lhes dar por um simples e rapido esboço, uma idéa exacta de objectos que nenhuma descripção verbal poderia dar a conhecer com perfeita nitidez.

O fim utilitario deste ensino é habilitar o adulto de amanhã, quando se veja em face das varias necessidades da vida, a comprehender e a interpretar um desenho; a exprimir suas proprias idéas por meio de um esboço; e para traduzir em seguida esse esboço por um desenho que seja POSSIVEL DE EXECUTAR. Esta simples indicação basta fazer co-

nhecer a extensão social do desenho vulgarizada pela escola primaria. Não é apenas um elemento de deleite que possa encantar as horas de ocio, mas é tambem um conhecimento que pode generalizar o amor ao bello; pode contribuir para o florescimento das artes, revelando aptidões especiaes que talvez ficassem desconhecidas; pode aperfeiçoar as industrias de todos os generos e pode proporcionar maior habilidade ao proprio artifice no exercicio de sua profissão.

Em resumo, o desenho, como a escripta, e até, em certos pontos, melhor do que a propria escripta,—é uma linguagem de uma utilidade geral, indiscutivel, e de uma necessidade absoluta em certas profissões.

E', no dizer de um escriptor uma especie «de estenographia da industria para uso dos operarios»

Enumerando as excellencias do ensino do desenho, citei esta: «pode contribuir para o florescimento das artes, revelando aptidões que talvez ficassem desconhecidas», e poderei dar-vos conhecimento, de um caso precisamente desta especie, que ocorre com um alumno da escola mixta, annexa a este estabelecimento. Chama-se Alberto Santos, tem uns 12 annos de idade, e é mestiço. Frequentou este anno o 4º curso da alludida escola. E' uma dessas revelações de que vos acabo de falar. Sem nenhuma interferencia docente neste ponto, sem qualquer estimulo, executava desenhos que, sem terem a perfeição que somente a disciplina regular de um ensino bem dado poderia levar a attingir, ainda assim dei-



xaram bem patente que ha nelle uma promessa de artista. E' pena que estando a escola em ferias, não vos possa mostrar alguns dos desenhos e o proprio menino que os traçou, copiando uns e creando outros.

«A's pessoas que, porventura, contestassem a possibilidade de generalizar o ensino do desenho, e de o introduzir em larga copia na escola primariæ responderíamos, diz um autor, as palavras de um celebre estatuario francez, Monsieur Etex: — Todo o mundo *deve* saber desenhar, todo o mundo *pode* saber desenhar.

Não se trata senão de exercitar o desenho positivo. Desenhae tudo que vos impressione e vos tornareis desenhista».

«A melhor prova desta asserção está, como temos feito notar, na inclinação instinctiva que manifestam pelo desenho os meninos, ainda os mais tenros, e nos resultados apreciaveis que têm já obtido certas escolas, onde este ensino é ministrado segundo um methodo natural.

— Porque, pergunta um membro distincto da Academia Franceza, Mr. Merrimée, porque o gosto pela musica está tão espalhado na Allemanha? E' porque a musica está associada a uma multidão de distracções e de actos da vida, nos quaes, em outros paizes, ella não toma parte. Dir-se-á talvez, prosegue Merimée, que meu raciocinio é vicioso, que eu tomo o effeito pela causa, e que não ha tantos mu-

sicos na Allemanha só porque o povo tenha uma tendencia innata pela musica. Responderei que um Francez e um Inglez não passarão alguns annos na Allemanha sem se tornarem dilettantes, queiram ou não queiram».

O mesmo se daria com o desenho.

«As considerações precedentes conduzem a algumas regras geraes das quaes todo o bom methodo de ensino de desenho não deve prescindir. Resulta, para que o methodo seja racional e activo, que elle exercite simultaneamente a vista, a habilidade manual, a intelligencia, a imaginação, o gosto e o senso moral.

Como exercitará elle a vista da creança? O menino deve ser habituado a ver com justeza, isto é, a apreciar com a vista a forma, as dimensões e as proporções do objecto, afim de o representar em seguida exactamente. Ver com justeza e executar o que viu—eis todo o desenho.

O exercicio da visão é, principalmente para os meninos, um dos pontos mais importantes do ensino de que ora nos occupamos, porque a mão seria impotente para reproduzir com fidelidade o que a vista não tivesse antes examinado bem e nitidamente distinguido.

O desenho deve ser executado de uma maneira intelligente. Esse conhecimento reflectido e raciocinado de seu proprio trabalho, põe o menino insensivelmente em estado de LER um desenho qualquer, fazendo-lhe perceber, do primeiro golpe de vista

as relações que existem entre a representação e o objecto representado.

E' em vista desse resultado que o pequeno desenhista deve, como vos disse ha pouco, trabalhar, tanto quanto possivel, imitando o natural. Este genero de desenho é, com effeito, o fim pratico ao qual é preciso attingir.

Mas havemos de concordar que os estudos «conforme o relevo», estão muito acima da capacidade dos meninos e são realmente impraticaveis no começo dos estudos primarios. Eis porque o alumno deverá, em certa phase do curso, ser ajudado por um modelo traçado pelo mestre no quadro-negro com explicações; mas é indispensavel proscriver, banir o methodo que fizesse consistir exclusivamente o ensino desta arte na copia de um modelo graphico.

A faculdade da imaginação tem, como sabeis, uma dupla função: reproduzir e produzir.

Dahi os psychologos dividirem-na em imaginação reproductora, ou memoria imaginativa, e imaginação creadora, ou fantasia, esta ultima sendo a autora dos nossos devaneios, dos nossos "castellos no ar".

A imaginação reproductora será exercitada pelo *desenho de memoria*, cujas applicações contribuem em larga escala para o progresso.

«Esta forma de desenho põe em jogo a attenção, a reflexão, e torna o menino observador. Nada, como o estudo do desenho, começado desde cedo, para habituar o espirito a fixar-se nos objectos, a de-

ter-se nelles de modo a imprimir na memoria sua formas geraes e suas particularidades. Mas o methodo, devendo, alem disso, despertar, excitar a imaginação creadora, o curso será dado de tal geito que conduza o alumno a imaginar novas combinações, a compor pequenos desenhos em relação com os estudos já feitos.

Para tal fim, far-se-á acompanhar cada serie de exercicios — de applicações mais ou menos numerosas, cujos dados ou indicações sejam gradativamente *menos completas*, até que o alumno seja inteiramente entregue á iniciativa de sua imaginação".

Entenda-se: as indicações que acabo de dar a respeito de aproveitar-se, no decorrer do curso, a iniciativa do alumno — não collide em absoluto com a regra didactica modernissima de que essa iniciativa seja aproveitada antes de mais nada.

Mas não convem entrar desde já nas particularidades do ensino do desenho, desde que, por ora, me estou limitando a umas tantas considerações de ordem mais ou menos geral.

«Si o genio artistico é raro — escreve um sabio pedagogista — o sentimento artistico é, até certo ponto, commum a todos os seres humanos; ma não se desenvolve senão pelo uso.

O sentimento esthetico forma-se sobretudo pela contemplação frequente do bello: para ter gosto, é necessario ver muitas coisas bellas, e vel-as muitas vezes. Um excellento meio de agir efficaçmente sobre esta faculdade, seria guarnecer as paredes

da escola de desenhos, gravuras, photographias bem escolhidas, que o professor levaria o alumno a observar, interpretar e explicar; assim, se habituaria o menino a ver o bello em toda a parte em que se achasse, a apreciar-o, a comprehender suas condições e suas leis.

Como segundo meio, o professor collocará sob as vistas dos alumnos, em cada lição, um duplo modelo, o primeiro traçado á mão livre e o mais perfeitamente possível no quadro-negro, pelo mestre.

O segundo exemplar do mesmo trabalho — lithographado, ou desenhado com esmero e em grandes dimensões, numa folha de papel, por meio de instrumentos quando o desenho a isso se preste, daria o idéal de uma execução perfeita. Si, desde cedo, os meninos forem ensinados a desenhar com presteza, propriedade e precisão, seu gosto se formará necessariamente pelo duplo processo empregado no methodo a que me acabo de me referir.

Com effeito, o menino será forçosamente levado a corrigir seu proprio trabalho, a notar-lhe os defeitos e as imperfeições, pelas comparações incessantes que deverá estabelecer entre seu desenho á mão livre e o mesmo assumpto traçado em seguida com auxilio de instrumentos.

«O ensino do desenho constitue um elemento importante de educação, porque sua mór parte de effeito é reservada á moralização do individuo, á elevação de seus sentimentos.

«A verdade, o bello, o bem e o sagrado — es-

tas quatro essências da verdadeira moral, acham-se tão intimamente ligadas que não formam senão uma só e mesma coisa.

O bello não é outra coisa senão o brilho da verdade e o esplendor do bem, idealizados um e outro pelo que é santo.

Essas considerações, ainda que elevadas e particularmente relativas á arte encarada em sua mais alta expressão, não devem ser extranhas ao ensino do desenho, mesmo na escola primaria.

Familiarizar o alumno com o conhecimento elementar das leis e das formas características da beleza; fazel-o observar as relações dessas formas com o *verdadeiro*, ou seja a realidade das coisas, elevar sua imaginação até á concepção do bello idéal; é apurar suas affeições e ennobrecer seu coração.

Collocal-o em estado de comprehender, de interpretar e admirar as obras-primas da esculptura, da pintura e da photographia, que ornam nossas igrejas, que enfeitam os salões e os logares publicos — é avivar-lhes o sentimento religioso, é inflamar-lhes o patriotismo e perpetuar o espirito de familia, pelo culto da piedade filial.

«O que é bello — affirma um virtuoso sacerdote — o que é bello conspira em nos tornar mais puros e, qualquer que seja o mysterio disto, nos sentimos melhores depois de ter admirado qualquer coisa».

\* \* \*

Encarando o ensino do Desenho nestes últimos tempos, podemos considerar tres methodos europeus principaes, de que são preconizadores, respectivamente, *Ravaisson, Guillaune e Berthier*.

Esses methodos que os pedagogistas chrisma-ram de methodo de hontem, de hoje e de amanhã, não faz mal que os recordemos aquí, uma vez que nos estamos occupando precisamente do ensino do desenho, e antes que tratemos do methodo americano das escolas de Nova-York, que é o que adoptamos.

Segundo o methodo de *Ravaisson*, o ensino do desenho deve partir do traçado da figura humana. De accordo com elle, o alumno começa aprendendo a copiar estampas representando as diversas partes do corpo humano — narizes, olhos, boccas, orelhas; partes da face, a cabeça inteira, etc. Dahi, passa o alumno á reproducção de bellas estampas; imita depois as obras-primas, até modelos vivos.

Estamos a sentir claramente as razões que levaram a nova pedagogia a desthronar esse methodo, dentre as quaes se destacam estas: o não aproveitamento da iniciativa do menino e a marcha oposta á do methodo analytico.

Vir da parte para o todo, do menos conhecida para o mais familiar, da idéa fragmentaria para a idéa uma, integral, e por isso mesmo já anterior» — é processo synthetico, incompatível

com o ensino ministrado a crianças, isto é, a individuos que *ainda vão aprender*, e não que aprofundam conhecimentos.

Olhemos agora o methodo de *Guillaume*, o methodo de hoje ou methodo classico.

Mais ou menos do mesmo valor do primeiro, esse methodo, antes de apresentar ao menino o objecto para imitação, o excita a reproduzir os elementos de toda figura, de toda forma, isto é, as *linhas*, em suas diversas combinações. *Guillaume* sustenta que as formas geometricas constituem a base do desenho. Segundo este methodo, o ensino desta especialidade obedecia a tres grãos de desenvolvimento. Começava o alumno seu aprendizado pelo estudo das *linhas*; passava depois a dividil-as em partes iguaes, avaliando as relações que devem guardar entre si. Troçava, em seguida, figuras simples: triangulos, quadrados, rectangulos.

Vinham depois as curvas regulares (ellipse, oval, espiral). Até ahí era o 1.º grão do ensino.

No 2.º grão, passava o alumno ao estudo dos volumes, ou melhor, dos solidos — cubos e outros prismas, pyramides, cylindros e cones. Davam-se aos alumnos modelos representando figuras de ornamento, passava-se depois ao desenho de figuras usuas de formas simples e sempre geometricas: bancas, mesas, livros, caixas, etc.

No terceiro grão, o alumno ensaiava medelos mais difficeis: os animaes e a figura humana.

Baseando seu methodo nesses principios,

methodo logo e professor da Escola Normal de Carlsburgo, escreveu as seguintes palavras:

“Preparar directamente os meninos no traçado das letras; facilitar a manutenção da disciplina escolar, trazendo occupadas as crianças nestes exercícios; variar suas occupaões e inspirar-lhes amor á escola, pela attracção natural que está ligada a exercicíos tão adequados ao gosto dos meninos, — taes são as vantagens que offerece o ensino do desenho começado desde a entrada do menino na escola. Inutil é insistir, continúa elle, sobre o estudo paralelo do desenho e da calligraphía. Ensinadas simultaneamente, e, por assim dizer, confundidas, essas duas artes se desafoam e se alternam, apoiando-se mutuamente.

E prosegue:

“Como qualquer outro ensino, o do desenho implica um *fim* a attingir, um *principio* ou ponto de partida, e os *meios*, ou o caminho traçado para ligar o ponto de partida ao fim collimado. O fim utilitario deste ensino é (como, aliás, ficou explanado ainda ha pouco) pôr o alumno em estado de representar um objecto qualquer sob seus diversos aspectos, quer como elle é na realidade (projectões), quer figurando-se o seu relevo por meio de um só desenho (perspectiva), como se nos apresente aos olhos, visto de um ponto determinado.

Ora, fala ainda o mesmo autor — um desenho de perspectiva ou de projectões, por mais complicado que seja, não é, afinal de contas, senão um

composto de *superficies*, limitadas por linhas de formas diversas e diversamente combinadas.

A pratica intelligente da arte em questão supõe, pois, o conhecimento intuitivo e graphico das linhas, das figuras e das formas *geometricas* que as linhas produzem, no intuito de relacionar a essas formas primitivas os desenhos mais variados e mais complicados na apparencia.

De tudo isso se deduz — continúa — que o fundamento do methodo é este: — o desenho linear baseado na geometria elementar.

A escolha, a coordenação e o encadeiamento logico dos exercicíos, assim como o numero, a variedade, a utilidade pratica das applicaões, e os processos de ensino devem harmonizar-se com as regras de didactica e tender sempre para o fim da methodo.

Este fim é dar ao alumno os conhecimentos technicos e de habilidade manual sufficiente para tentar proveitosamente o estudo das diversas applicaões da arte do desenho.

Para isso o methodo deve ser a um tempo geral e especial: geral na parte que encerra os principios essenciaes da arte, no que ella seja accessivel a todos os meninos, sem distincção; especial — para os conduzir, em certa medida, segundo a diversidade de seus gostos e de suas aptidões particulares, nas applicaões tão variadas do desenho.

O artifice, que desenhe os instrumentos de seu officio; o filho do industrial que aprenda a graphar, pela pratica das projectões, os objectos que deve-

rã fabricar. O futuro architecto aprenda o desenho das molduras e das ordens architectonicas; o pequeno decorador e o paysagista se exercitarão no traçado isolado das folhas, flores e fructos, para interpretar e reunir essas partes num desenho de conjuncto.

Quanto á maneira de proceder, no methodo classico, recommendava-se ao professor o uso do modo simultaneo, e da forma socratica allíada ao processo tabular, executando em presença dos alumnos o traçado explicado do modelo, começando pelas partes maiores para chegar aos detalhes.

Em seguida a imitação pelos alumnos nas ardósias ou no papel, e por alguns dentre elles nos quadros-negros.»

«Para cultivar o sentido da vista—recommenda este methodo—o professor mandará executar por seus alumnos muitos exercicios tendo por objecto o traçado, a divisão e a multiplicação das linhas e dos angulos, a redução e ampliação das figuras. Poderá o mestre utilizar-se de um apparelho na explicação das projecções e collocar sob as vislas dos alumnos os corpos que devem ser desenhados em relevo.

Numa palavra—este ensino será intuitivo, no sentido em que o alumno deverá sempre, tanto quanto possível, desenhar segundo o natural.

O professor tomará cuidado em que o alumno apanhe bem o conjuncto e o character do modelo e descubra as linhas principaes, suas direcções, suas justas proporções, sua opposição ou seu accordo.

Para taes exercicios, o principiante adquirirá uma certa justeza do golpe de vista, o sentimento das relações e da symetria que conduzem a desenhar correctamente.

Ora, si é necessario que o olhar do desenhista seja exercitado em ver depressa e bem, é igualmente preciso que sua mão adquira a mobilidade, a rapidez, a segurança, a ousadia,—em um palavra: a habilidade precisa para fixar no papel as formas observadas pela vista. O desenho á mão livre, ao mesmo tempo que se combina vantajosamente com a cultura da vista, satisfaz melhor do o desenho com instrumentos ao fim geral a que se propõe o ensino primario; elle é, sem duvida, de uma applicação mais frequente, mais variada e menos custosa do que o desenho geometrico.

Abro aqui um parenthese para esclarecer uma duvida que me parece muito arraigada entre muitos dos meus collegas do ensino primario: é a confusão entre o ensino do desenho e o da geometria, havendo quem entenda o termo *desenho* como synonymo perfeito de geometria pratica.

Essa confusão, que precisa ser banida inteiramente da nossa mentalidade pedagogica, explica-se: foi precisamente o uso do methodo classico, a respeito do qual venho, no momento, expendendo estas considerações, que induziu o professorado, daqui e de outros logares, a entender desenho como geometria, tendo havido até planos de ensino em que, por figurar o termo «desenho», deixaram de

mencionar: «geometria pratica», ou ao menos: «noções de geometria».

E' claro que no ensino desta ultima disciplina está comprehendido o respectivo desenho, isto é, o desenho geometrico, o que não quer que fique abandonado, sacrificado, o ensino do *desenho* no seu conceito geral, que é o de representar graphicamente os objectos, e cuja orientação mais adiantada, segundo o ensinamento dos pedagogistas modernos, terei a satisfação de vos reproduzir mais tarde.

Venho descrevendo, nos seus pontos essenciaes, o methodo de *Guillaume*, ou methodo de *hoje*—afim de, quando tenha de examinar comvosco o methodo de *amanhã*, ficarem bem patentes as differenças essenciaes entre um e outro.

Alem disso, o facto de ser um methodo substituído por outro não importa, muitas vezes, na sua condemnação absoluta.

Este é um desses casos.

Vós, que tendes conhecimentos já do methodo melhor, e sobre o qual conversaremos por fim, haveis de reconhecer que em varias de suas partes, o methodo classico offerece umas tantas facilidades que não devem ser desprezadas no decorrer do ensino moderno do desenho, especialmente quando se trate do desenho geometrico.

Eis, por exemplo, a marcha das lições no methodo de *Guillaume*:

1º. Exposição da materia, ou estudo intuitivo, analytico e raciocinado com denominações e, quan-

to possível, definições dos elementos que vão ser explicados ou do objecto que se vae desenhar.

O professor collocará ao alcance da vista dos alumnos, objecto em natureza ou, conforme o caso um desenho—modelo, e delle fará o ponto de partida de todas as explicações e applicações.

2º. O mestre executa em seguida no quadro-negro, e sob as vistas dos alumnos attentos, a metade symetrica da figura de que se trata, ou do desenho em apreço, levando os alumnos a apreciarem com a vista as dimensões, observar a proporcionalidade dos traços, notar a symetria do conjuncto e procurar as relações entre as diferentes partes do desenho e do objecto representado. As linhas directrizes serão traçadas em pontuado.

3º. Enquanto um ou varios alumnos, designados pelo mestre, trabalham nos quadros-negros, — os outros executam o mesmo trabalho na ardósia ou no papel, á mão livre.

Algumas vezes o mestre exigirá que esses exercicios sejam feitos de memoria.

Como nos lições de calligraphia, o professor velará para que os alumnos fiquem em boa posição, e façam uso conveniente do lapis, que será sempre de comprimento sufficiente.

4º. Correção individual pelo mestre durante o trabalho dos alumnos, depois simultanea no quadro-negro.

5º. O alumno passará a limpo seu desenho, transportando-o á mão livre para o caderno.

6º. O mesmo desenho, ou desenho analogo,

feito na página fronteira do caderno, mas desta vez com auxílio de instrumentos.

Não me posso furtar ao desejo de dar-vos conhecimento de um methodo de desenho usado em alguns cantões da Suíssa.

E' o methodo Artus—Perrelet, e sua descrição completa está num manual, de que um exemplar me foi offerecido gentilmente pelo Dr. Anísio Teixeira, Director Geral da Instrucção, quando regressou de sua viagem ao Velho-Mundo.

Madame Artus, a autora do methodo, tem o seu livro prefaciado pela penna abalisada de *Pierre Bovet*. São delle as seguintes palavras:

«Dois pontos nos impressionam: a grande parte concedida neste methodo de educação pelo desenho ás *formas geometricas simples*, e o papel que desempenha na maneira de apresentar estas formas ao menino a idéa do senso espirital e interior das linhas e dos contórns.

«Pestalozzi, Herbart, Froebel, para não citar senão os maiores, attribuem ás formas simples um valor de educação intellectual de primeira ordem. Mais perto de nós, Mme. Montessori concede aos encaixes geometricos o logar de honra em seu material de «auto-educação». E é licito assignalar tambem o proveito que as directoras da Casa de Crianças do Instituto João Jacques Rousseau, Sras. *Audemard e Lafandé*, têm tirado das mesmas formas *no jogo das superficies*».

Linhas adiante, Bovet nos conta que, depois de ter lido a obra completa de Mme. Artus, inter-

rogou a autora acerca das lembranças que tinha de sua tenra idade.

«Tenho a convicção, diz o prefaciador, que ellas (as lembranças) explicam, tanto quanto se pode explicar em materia de arte e de genio natural, a obra que se vae ler, e que representam uma contribuição á psychologia da visão infantil.»

Mme. Artus narrou o seguinte:

«Uma de minhas reminiscencias me transporta a um jardim. Estou de vestidinho branco e, de repente, ponho-me a gritar de medo: animaes negros, animaes enormes agitam-se, movem-se e rugem junto a mim. Minha mão acode, toma-me em seus braços e me mostra que não ha nada disso. O que me havia amedrontado fora a sombra, sobre meu vestido, das folhas das arvores que ao sopro da brisa se balouçavam sussurrantes, sem que eu comprehendesse o que se passava. Foi assim que aprendi o que era a sombra.

Outro factó, narrado pela autora:

«Recordo-me perfeitamente do dia em que comprehendí que a carteira ou secretaria de meu pae vista de frente e a carteira de meu pae vista de lado não eram senão um e o mesmo movel.

Davam-me muitas vezes coisas para collocar em cima da carteira: minhas mãos ahí alcançavam quando eu as levantava acima da cabeça, mas eu conhecia duas secretarias muito differentes, uma comprida, a outra estreita, e então perguntava:— em qual das duas? Lembro-me distinctamente do momento em que essas duas imagens parciaes se



reuniram para me darem a idéa do solido e da perspectiva».

«Uma terceira lembrança, muito extravagante, liga-se agora, por um certo lado, ao objecto de meu livro. E' mais antiga do que as outras, pois eu nem sabia ainda falar direito. Ficou, porem, mais profundamente gravada em mim do que as outras recordações, porque, como se vae ver, a exasperação de ter sido injustamente castigada é uma parte integrante delle. Estava em casa de minha avó.

Acocorei-me junto de um harmonio; na superficie polida do movel percebia minha imagem e, intrigada, puz-me a seguir-lhe o contorno com o dedo. Observando meu trabalho, minha avó fez signal a minha mãe, instigando-a a reprimir com uma palmada o que ella tomava por uma faceirice muito precoce.

Scena de gritos, de revolta. A ordem de pedir perdão e de abraçar a avó, aggravou consideravelmente as coisas; mordi a mão da velha senhora instigadora desse castigo injusto. Recordo-me perfeitamente bem do meu sentir de que a punição era injusta, que me era vexatorio eu não saber defender-me—e lembro-me tambem que mais tarde tornei áquella scena conversando com a mamã, e lhe expliquei, como pude, que o interesse que ligava aos contórns de minha figura nada tinha de commum com a vaidade».

Outras narrativas do mesmo genero, que não tenho necessidade de reproduzir, illustram o funda-

mento do methodo de Mme. Artus, que é a primeira a dizer de sua obra o seguinte:

«Este methodo de ensino aspira a não ser *uno*. Nada mais desastroso em instrucção do que os sistemas rígidos e as theorias irreductiveis. Condensei aqui principios geraes baseados na experiencia e exemplos e processos particulares que espero ver cada pedagogo multiplicar segundo as circunstancias.»

A autora começa o trabalho pela determinação do *fim* do ensino do desenho, que considera como sendo um dos dois meios da expressão, graphada do pensamento. Dahi passa ao *methodo*, propriamente dito e propõe que o ensino do desenho deva partir dos *elementos geometricos*, isto é o ponto, a direcção, a linha, a medida, as linhas mestras (recta e curva), a curva de elasticidade—e aqui já apparecem uns ligeiros desenhos de attitudes, desenhos muito simples, muito faceis, que os meninos podem executar promptamente.

Seguem-se as lições sobre a curva de contencção, as linhas absolutas (horizontal, vertical, inclinada), as linhas compostas (quebrada, espiral, sinuosa)—Nova serie de pequenos desenhos com essas linhas. Depois a linha mixta, os angulos, applicados ao desenho de attitudes.

Em seguida, as linhas relativas (parallelas convergentes, divergentes, alternantes, tangentes, secantes). Seguem-se as figuras planas, auxiliada esta parte do ensino com as silhuetas de objectos de uso commum (jarros, talhas, moringues, vasos), vin-

do logo após o desenho colorido, com o aprendizado previo das cores e de suas combinações.

Só então, segundo Mme. Artus, deve ser dado o ensino dos solidos, o estudo das formas, vindo ao mesmo tempo o conhecimento das varias partes do solido pela fragmentação deste nas suas parcelas mais apreciaveis. Segue-se o conhecimento das dimensões, perspectiva do circulo, perspectiva das rectas, com o emprego de um pequeno portico em cartão, donde será olhado o campo a desenhar, ensinando-se tambem o meio de encontrar o ponto de vista e a linha do horizonte.

Na segunda parte do methodo — as lições geraes — a autora prova que «a linha no desenho deve ser um movimento e não uma copia»; e apparecem modelos muito singelos relativos a isso. Vem logo após o desenho da payçagem, mas desenho de contorno, sem sombra.

Depois, silhuetas de aves, constituídas pela combinação de figuras planas, vindo após eschemas de aves traçados pelos alumnos, desenhos de attitudes de pessoas e animaes, e, por fim, ensino de rythmos decorativos.

Na terceira parte do methodo — os jogos — a autora ensina varios exercicios em que os meninos, recreando-se, aprendem colectivamente a desenhar, desde a noção do ponto até os casos mais adiantados.

Exemplo do jogo do ponto:

\*A professora: —

“As estrellas nos parecem pontos. Venham, pe-

quenas estrellas, cada uma marcar o logar em que queria estar ns céo (e mostra o quadro-negro). Cada menino faz um ponto com o giz.

— E agora, que vêem? pergunta a mestra.

— Um bello céo estrellado, respondem provavelmente as crianças.

E sobre o ponto, como sobre as linhas, dimensões, medidas, angulos, figuras e todas as suas composições geometricas, Mme. Artus offerece uma collecção varidissima e curiosa de jogos, tornando essa parte de seu methodo a mais interessante, atrahente e intuitiva, acompanhada de recorte, dobradura, cartonagem, leitura ou interpretação dos desenhos, exercicios de memoria visual e outros tendentes ao mesmo fim.

A quarta parte contem a descripção do material e o modo de seu emprego. O material do methodo de Mme. Artus é o seguinte: uma caixa contendo 7 pranchas lithographadas, collecção de pausinhos de varios tamanhos, entre 1 e 20 centimetros; 22 modelos em madeira relativos ás superficies; transferidor em cartão; serie de folhas transparentes e coloridas; 1 modelo em cartão para ensino da perspectiva. As caixas completas têm, alem desse material, uma serie de solidos em madeira, os mesmos solidos fragmentados; serie de modelos de planos relativos á geração dos solidos de revolução; e mais 2 pranchas lithographadas.

A 1ª. prancha é para exercicios de reconhecimento das dimensões: contem varias faixas im-

pressas que os alumnos devem colorir com as reguas correspondentes.

A 2.<sup>a</sup> é destinada ao estudo das linhas, e tem 52 compartimentos com todas as representações das linhas isoladas e combinadas

A 3.<sup>a</sup> é para o ensino das figuras planas.

A 4.<sup>a</sup> destinada especialmente ao ensino da geometria, encerra os elementos geometricos desde a linha até o circulo.

A 5.<sup>a</sup> prancha serve para o ensino dos solidos, no que é auxiliada pelas collecções de solidos inteiros e fragmentados.

A 6.<sup>a</sup> é destinada ao ensino das côres, quando então se empregam tambem os papeis coloridos transparentes, para demonstrar a combinação das mesmas côres.

A prancha n.<sup>o</sup> 7 serve para os exercicios de "leitura das figuras em um objecto", e por meio dos quaes os alumnos aprendem a distinguir facilmente as figuras geometricas que compõem a silhueta de um objecto qualquer.

E' pena que a autora não se tivesse cingido á orientação modernamente aceita pela quasi totalidade dos pedagogistas, no tocante á marcha analytico-synthetica que se recommenda como sendo a mais perfeita em assumptos de ensino.

Na proxima sessão, farei um ligeiro juizo critico sobre os methodos que vos descrevi hoje e, como parte mais importante destas palestras, explanarei o methodo americano do ensino de Desenho, usado nas escolas de Nova-York, e que é precisamente aquelle que devemos seguir, como tenho frisado a cada passo.

## Musica e Canto Coral na Escola Primaria

Methodo Decroly com diversas modificações feitas  
pelo Maestro R. Domenech  
Professor da Cadeira de Musica

Exmo. Snr. Dr. Director da Instrucção  
Exmo. Snr. Dr. Director da Escola  
Exmas Senhoras  
Meus Senhores

### CANTO

Emissão de sons musicaes feita pela voz humana.

Os elementos caracteristicos do canto consistem na modulação e no rythmo.

A primeira determina as inflexões da voz e as entoações: o segundo regula o movimento e marca a duração das inflexões vocaes, estabelecendo os repousos successivos da voz.

Estes dois elementos prestam ao canto uma variedade infinita de inflexões subordinadas ao sentimento.

Do sentimento deriva a expressão, que é o interprete do sentido das palavras associadas á musica, assim como do espirito da mesma musica.

"Por estes poderosos meios, pode o cantor communicar as suas impressões ou auditorio, conservando-se ao mesmo tempo fiel ao compaço, ao rythmo e ás entoações impostas pela musica.

No entanto estes grandes recursos devem ser empregados com discernimento e conveniencia.